



Autoestima de universitárias negras: um estudo comparativo

Self-esteem of black university students: a comparative study

Autoestima de estudiantes universitarios negros: un estudio comparativo

Letícia Pinho Gomes¹ , Adriana Dias Silva² , Marcos Vítor Naves Carrijo² 

Informações do Artigo:
Recebido em: 15/07/2025
Aceito em: 02/10/2025

Autor correspondente:
Marcos Vítor Naves Carrijo.
E-mail:
marcosvenf@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Analisar e comparar os níveis de autoestima entre universitárias a partir da variável cor da pele. **Metodologia:** Estudo transversal, de abordagem quantitativa, realizada em uma instituição de ensino superior no interior do estado de Mato Grosso, com a participação de 100 estudantes universitárias regularmente matriculadas. Os dados foram coletados por meio de um questionário elaborado pelos pesquisadores, validado semanticamente, abordando a percepção sobre aspectos da aparência física e autoimagem. As análises incluíram estatística descritiva e teste do Qui-quadrado. **Resultados:** Observou-se que 65% das participantes relataram satisfação com sua autoestima; no entanto, houve associação significativa entre insatisfação com a cor da pele e ser mulher negra ($p=0,018$). **Conclusão:** A pressão estética social, intensificada pelo uso frequente das redes sociais, impacta negativamente a autoestima e a percepção corporal, sobretudo entre mulheres negras. A relação entre a insatisfação com a cor da pele e a internalização de padrões eurocêntricos de beleza evidencia a urgência de ações voltadas à valorização da diversidade étnico-racial e à promoção da saúde mental no ambiente universitário.

DESCRITORES:

Estudantes; Autoimagem; População Negra; Saúde Mental.

ABSTRACT

Objective: To analyze and compare self-esteem levels among university students based on skin color. **Methodology:** This is a cross-sectional, quantitative study conducted at a higher education institution in the interior of the state of Mato Grosso, with the participation of 100 regularly enrolled university students. Data were collected through a semantically validated questionnaire developed by the researchers, addressing perceptions of aspects of physical appearance and self-image. Analyses

¹ Centro Universitário do Vale do Araguaia. Barra do Garças, Mato Grosso, Brasil.

² Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, Rondônia, Brasil.

included descriptive statistics and the chi-square test. **Results:** Sixty-five percent of participants reported satisfaction with their self-esteem; however, there was a significant association between dissatisfaction with skin color and being a Black woman ($p=0.018$). **Conclusion:** Social aesthetic pressure, intensified by frequent use of social media, negatively impacts self-esteem and body image, especially among Black women. The relationship between dissatisfaction with skin color and the internalization of Eurocentric beauty standards highlights the urgency of actions aimed at valuing ethnic-racial diversity and promoting mental health in the university environment.

DESCRIPTORS:

Students; Self Concept; Black People; Health Mental.

RESUMEN

Objetivo: Analizar y comparar los niveles de autoestima en estudiantes universitarios según el color de piel. **Metodología:** Estudio cuantitativo transversal, realizado en una institución de educación superior del interior del estado de Mato Grosso, con la participación de 100 estudiantes universitarios matriculados regularmente. Los datos se recopilaron mediante un cuestionario validado semánticamente, desarrollado por los investigadores, que abordó las percepciones de aspectos de la apariencia física y la autoimagen. Los análisis incluyeron estadística descriptiva y la prueba de chi-cuadrado. **Resultados:** El 65% de los participantes reportó satisfacción con su autoestima; sin embargo, hubo una asociación significativa entre la insatisfacción con el color de piel y ser mujer negra ($p=0,018$). **Conclusión:** La presión estética social, intensificada por el uso frecuente de las redes sociales, impacta negativamente la autoestima y la imagen corporal, especialmente entre las mujeres negras. La relación entre la insatisfacción con el color de piel y la internalización de estándares de belleza eurocéntricos resalta la urgencia de acciones dirigidas a valorar la diversidad étnico-racial y promover la salud mental en el entorno universitario.

DESCRIPTORES:

Estudiantes; Autoimagen; Población Negra; Salud Mental.

INTRODUÇÃO

A autoestima é um construto psicológico central, compreendido como a avaliação subjetiva que o indivíduo faz de si mesmo, englobando dimensões de autoimagem, autovalor e autoaceitação. Trata-se de um aspecto intimamente relacionado ao bem-estar emocional e ao funcionamento psicossocial, cuja formação decorre de um processo dinâmico, influenciado por experiências de vida, interações sociais, feedbacks recebidos e pela identidade cultural. Nesse sentido, a autoestima não se limita a um traço individual, mas reflete também condicionantes sociais e simbólicos que moldam a forma como a pessoa se percebe e se posiciona no mundo. Reconhecida como variável fundamental para a satisfação com a vida e para a saúde mental, a autoestima constitui um importante indicador de qualidade de vida e de adaptação psicossocial⁽¹⁾.

Os níveis de autoestima podem variar entre baixo, médio e alto, expressando modos distintos de relação do sujeito consigo mesmo. Indivíduos com autoestima elevada tendem a aceitar responsabilidades por seus atos, demonstram maior capacidade de assumir riscos razoáveis e revelam maior percepção de controle sobre a própria vida, inclusive na adoção de comportamentos de saúde. Em contraste, a baixa autoestima frequentemente se manifesta em dúvidas sobre o próprio valor,

insegurança e necessidade constante de validação externa, refletindo fragilidades na confiança pessoal. Já a autoestima em nível intermediário apresenta maior oscilação, marcada por momentos de autoaprevação intercalados com episódios de autocritica e rejeição⁽²⁾.

No contexto universitário, a autoestima adquire relevância especial, uma vez que está diretamente vinculada ao desempenho acadêmico, à persistência nos estudos e ao desenvolvimento pessoal dos estudantes. Pesquisas indicam que níveis positivos de autoestima contribuem para maior motivação intrínseca, resiliência diante de desafios acadêmicos e melhor adaptação às demandas institucionais. Em contrapartida, a autoestima reduzida tem sido associada a efeitos adversos sobre a saúde mental, incluindo sintomas de ansiedade, depressão e comprometimento da autoeficácia acadêmica^(3,4).

Entretanto, a análise da autoestima entre universitários não pode desconsiderar os marcadores sociais que atravessam a experiência acadêmica. A cor da pele e os atributos associados à negritude constituem elementos centrais da identidade pessoal, situados em um contexto histórico marcado por desigualdades raciais e discriminação estrutural. Evidências apontam que indivíduos pertencentes a grupos étnico-raciais minoritários, em especial mulheres negras, enfrentam maiores obstáculos em sua trajetória, frequentemente submetidos a estereótipos, preconceitos e exclusão social. Essa realidade impacta diretamente sua autoimagem e autoestima, podendo tanto enfraquecer-las quanto fortalecer-las, dependendo das estratégias de enfrentamento e suporte social disponíveis^(2,5).

Os padrões eurocêntricos de beleza e comportamento, historicamente legitimados como referência social, desempenham um papel significativo na construção da autoestima, sobretudo entre populações racialmente marginalizadas. A imposição de ideais baseados em características fenotípicas brancas, como cor da pele clara, cabelos lisos e traços faciais específicos, reforça a desvalorização de corpos e identidades negras, alimentando sentimentos de inferioridade e exclusão. Esse processo, além de impactar a autoimagem individual, perpetua desigualdades simbólicas que se refletem na vivência acadêmica e social dos estudantes, tornando a autoestima não apenas uma questão subjetiva, mas também um reflexo das hierarquias raciais enraizadas na sociedade^(5,6).

Desse modo, compreender a autoestima em estudantes universitários requer considerar não apenas fatores individuais, mas também os determinantes sociais que estruturam oportunidades, reconhecimentos e condições de pertencimento. Uma autoestima saudável repercute positivamente no desempenho acadêmico, na participação em atividades extracurriculares e nas interações interpessoais, favorecendo um percurso formativo mais satisfatório e inclusivo⁽³⁾. Em contraste, níveis baixos de autoestima podem intensificar dificuldades emocionais, desmotivação, procrastinação e baixa tolerância a críticas, comprometendo tanto a aprendizagem quanto a permanência universitária⁽⁵⁾.

Portanto, torna-se imprescindível investigar as disparidades nos níveis de autoestima entre

universitárias e identificar os fatores que as influenciam, sobretudo em grupos socialmente vulnerabilizados. Tal compreensão possibilita subsidiar a formulação de estratégias de apoio psicossocial, assim como políticas educacionais mais inclusivas e equitativas, voltadas para a promoção de um ambiente universitário acolhedor, justo e capaz de potencializar o desenvolvimento integral de todos os estudantes⁽²⁾. Esta pesquisa busca contribuir para o desenvolvimento de intervenções e políticas educacionais mais inclusivas e sensíveis às necessidades específicas dos estudantes, visando promover um ambiente universitário mais acolhedor e capacitador para todos os seus membros.

OBJETIVO

Analisar e comparar os níveis de autoestima entre universitárias a partir da variável cor da pele.

METODOLOGIA

Desenho

Trata-se de um estudo transversal, analítico, com abordagem quantitativa, realizado em uma instituição de ensino superior no interior do estado de Mato Grosso, norteado pela ferramenta *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE)*⁽⁷⁾.

Local do estudo e período

Realizado em uma instituição de ensino superior privada, localizada em um município no interior do estado de Mato Grosso. A coleta de dados ocorreu entre os meses de maio a agosto de 2024.

População ou amostra

A amostra por conveniência foi composta por mulheres regularmente matriculadas em um dos cursos de nível superior da instituição estudada.

Coleta de dados

Os dados foram obtidos por meio de um questionário sobre o uso das redes sociais e a percepção sobre autoestima sendo construído pelos pesquisadores e validado semanticamente por membros do grupo de pesquisa em saúde mental e colaboradores da pesquisa. O instrumento foi dividido em dois componentes, o primeiro com itens relacionados ao perfil socioeconômico, demográficos e as características acadêmicas, o segundo relacionado à percepção sobre autoimagem, autovalor e autoestima.

Análise de dados

Após a coleta de dados, eles foram inseridos no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* versão 20.0, utilizando a dupla digitação para possibilitar a verificação de potenciais inconsistências durante a confecção do banco de dados. Para a análise descritiva das

variáveis contínuas, utilizou-se média e desvio-padrão, enquanto as variáveis categóricas foram expressas por meio de frequências relativa e absoluta. Para verificar a existência de associação entre a variável do gênero com a percepção de autoimagem e autoestima (desfecho), empregou-se o teste de Qui-quadrado (χ^2), sendo adotado nível de confiança de 95% e significância estatística valor $p < 0,05$.

Aspectos éticos

Este estudo respeitou os preceitos éticos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo o anonimato de cada participante. O projeto do estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número 6.030.808 e Certificação de Apresentação e Apreciação Ética (CAAE) nº 67498523.7.0000.5587. Todos os participantes tiveram sua participação precedida perante aceite via assinatura ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 100 universitárias regularmente matriculadas. A amostra foi composta majoritariamente por estudantes de cor de pele não branca (70%), que possuíam alguma religião (92%), estavam empregadas (56%), satisfeitas com o curso (89%), sem reprovações no semestre anterior (85%), que utilizavam redes sociais mais de cinco dias na semana (96%), menos de 8 horas diárias (72%), estavam mais ativas nas redes no período matutino ou vespertino (53%) e que usavam as redes sociais há mais de cinco anos (90%).

Quanto às variáveis relacionadas ao grau de satisfação das universitárias com aspectos relacionados a sua aparência física percebeu-se que, 65% estavam satisfeitas com sua autoestima, 79% satisfeitas com o cabelo, 67% com a pele e 84% com a boca. Na Tabela 1 buscou-se investigar as correlações estatisticamente significativas com a cor da pele, sendo possível inferir que estudantes universitárias negras não se sentem satisfeitas com a sua pele ($p= 0,018$).

Tabela 1. Análise bivariada entre as variáveis de satisfação com aspectos específicos da aparência física e a cor da pele em estudantes universitárias. Brasil, 2024. ($n= 100$)

Variáveis	Cor da pele		p
	Não branca	Branca	
Satisfação com a pele			0,018*
Sim	42 (42%)	25 (25%)	
Não	28 (28%)	5 (5%)	
Satisfação com a boca			0,560
Sim	59 (59%)	25 (25%)	
Não	11 (11%)	5 (5%)	
Satisfação com o cabelo			0,551
Sim	55 (55%)	24 (24%)	
Não	15 (15%)	6 (6%)	

*Nível de significância ($p < 0,05$).

Na tabela 2, evidencia-se as variáveis relacionadas com a autoestima das universitárias participantes, evidenciando-se assim que não houve correlações estatisticamente significativas.

Tabela 2. Análise bivariada entre as variáveis de autopercepção sobre a satisfação com a aparência física e a cor da pele em estudantes universitárias. Brasil, 2024. (n= 100)

Afirmações	Cor da pele		p valor
	Não branca	Branca	
Me sinto frequentemente satisfeita(o) com a minha autoimagem.			0,126
Discordo	27%	16%	
Concordo	43%	14%	
Me considero uma pessoa satisfeita com minha autoestima.			0,228
Discordo	33%	11%	
Concordo	37%	19%	
Quando me comparo com outras pessoas, me sinto insatisfeita(o) com a minha autoimagem.			0,332
Discordo	33%	12%	
Concordo	37%	18%	
Tenho dificuldade de gostar das minhas fotos quando não utilizo recursos de modificação de imagem.			0,270
Discordo	38%	19%	
Concordo	32%	11%	
Realizar algum procedimento cirúrgico estético faria eu me sentir mais satisfeita(o) com minha autoimagem.			0,525
Discordo	20%	8%	
Concordo	50%	22%	

*Nível de significância ($p < 0,05$).

Entre as 70 universitárias negras entrevistadas que compuseram a amostra, a análise descritiva revelou aspectos relevantes relacionados à percepção da autoimagem e aos impactos dos padrões sociais. Constatou-se que 43% das participantes relataram insatisfação com a própria autoimagem, enquanto 33% afirmaram acreditar que merecem menos reconhecimento do que outras mulheres em função de sua aparência. Além disso, 55% referiram insatisfação ao se compararem com outras pessoas, e 43% relataram dificuldade em apreciar suas fotografias quando estas não passam por recursos de edição ou modificação de imagem. Verificou-se também que 44% das entrevistadas percebem que sua autoimagem é diretamente influenciada pelos padrões de beleza disseminados nas mídias sociais. Em relação às práticas estéticas, 39% informaram já ter realizado procedimentos de alisamento capilar como estratégia de busca por aceitação social, e 17% destacaram que a desigualdade racial impacta cotidianamente sua vivência no espaço universitário.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa comparou os níveis de autoestima entre universitárias com base na cor da pele. Os achados desta pesquisa evidenciam discrepâncias em relação ao perfil descrito na literatura, que caracteriza o público universitário brasileiro como majoritariamente composto por mulheres brancas, em fase final da graduação, sem vínculo laboral e com baixa participação religiosa^(2,8). Diferentemente desse padrão, observou-se maior representatividade de universitárias negras, em distintos estágios acadêmicos, conciliando estudos com trabalho e mantendo vínculos religiosos. Essa diferença pode estar relacionada à ampliação das políticas de acesso ao ensino superior, como cotas raciais e sociais, e ao fortalecimento das identidades étnico-raciais no espaço acadêmico⁽⁹⁾.

Os resultados indicaram correlação entre a insatisfação das universitárias negras com a cor da pele. Tal achado é correlacionado com o produzido pela literatura atual, que aponta a influência histórica da política de embranquecimento, a qual se expressou na integração biopsicossocial, política e econômica por meio da miscigenação e da imposição de padrões civilizatórios europeus. Esse processo contribuiu para a construção de uma sociedade excludente, em que a população negra passou a ser associada ao atraso e à degradação social, fomentando estigmas e níveis elevados de discriminação e insatisfação com a autoimagem entre indivíduos negros⁽¹⁰⁾.

Em consonância com os achados referentes à insatisfação das acadêmicas com sua autoimagem, a literatura científica evidencia elevada prevalência de descontentamento entre estudantes em relação à forma como percebem e avaliam o próprio corpo. Conforme descrito por diferentes autores, a consciência da realidade do racismo aciona no indivíduo negro um aparato psíquico marcado por constante sensação de vigilância e perseguição direcionada à corporalidade. Tal consciência desencadeia processos de auto-observação e regulação, nos quais o sujeito se vê compelido a confrontar-se com o ideal identitário branco, socialmente instituído como referência normativa e desejável⁽¹¹⁾.

Uma pesquisa sobre os impactos do racismo na autoestima de mulheres jovens negras no Brasil evidenciou que a presença simultânea de racismo e sexismos estruturais compromete significativamente a autoestima e a saúde mental desse grupo, manifestando-se em maior exposição a sobrecarga de trabalho, violência, isolamento e transtornos psicológicos. Apesar da existência de políticas públicas voltadas à equidade, persistem barreiras de acesso a serviços de saúde, reforçando desigualdades históricas. Nesse contexto, iniciativas culturais, coletivas e a adoção de perspectivas decoloniais se apresentam como estratégias de resistência e promoção do pertencimento e da valorização pessoal⁽¹²⁾.

Em outra pesquisa também realizada em território nacional, mas desta vez no contexto universitário, observou-se que aproximadamente 93% das mulheres entrevistadas desejavam modificar pelo menos três áreas do corpo com quase 39% apresentando transtornos alimentares⁽¹³⁾. Esses dados

evidenciam a busca incessante por um ideal de beleza frequentemente inatingível, impactando negativamente a saúde das estudantes.

A busca por padrões de beleza, que variam ao longo do tempo e entre culturas, está presente desde a infância e reflete uma sociedade que valoriza a aparência em detrimento da essência. Para se conformar a um ideal de branquitude, tornou-se comum entre a comunidade negra a modificação dos cabelos e da pele na tentativa de "melhorar" a aparência. Enquanto esse comportamento proporcionou alívio para alguns, para outros representou sujeição e humilhação, refletindo a rejeição a tais práticas e a resistência em alterar características naturais para se adequar aos padrões brancos⁽¹⁴⁾.

Nesse contexto, as experiências de frustração, angústia e revolta decorrentes da percepção da diferença em relação à branquitude podem resultar em sentimentos de rejeição e hostilidade direcionados ao corpo negro. Em uma pesquisa similar, autores identificaram que 72,9% dos participantes relataram ter sido alvo de comentários críticos ou ofensivos nas redes sociais, ou de terem testemunhado tais situações. Além disso, 70,6% afirmaram que sua reputação, ou a de outros, foi prejudicada por difamações relacionadas a cor da pele⁽¹⁵⁾.

Pesquisas indicam que indivíduos com baixa autoestima frequentemente expericiam vulnerabilidade diante das comparações sociais, especialmente em ambientes virtuais como as redes sociais. Esse fenômeno pode intensificar sentimentos de inadequação e insatisfação pessoal, uma vez que o contato constante com padrões idealizados gera percepção de desvalorização própria^(2,13,16). Portanto, a baixa autoestima atua como um fator que amplifica os efeitos negativos da exposição social online, comprometendo o bem-estar emocional.

Seguindo esta linha de raciocínio, uma pesquisa realizada com universitárias de uma instituição de ensino superior na Ásia, percebeu-se que apenas 23,3% das estudantes mostraram concordância entre sua imagem corporal percebida e a real. Esses resultados sugerem que a exposição contínua a imagens idealizadas de corpos "perfeitos" pode levar a comparações negativas e prejudicar a autoestima, afetando a forma como a pessoa se enxerga assim como seu desenvolvimento acadêmico⁽¹⁶⁾.

Universitários com baixa autoestima apresentam elevada incidência de sofrimento mental, incluindo sintomas de ansiedade, depressão e estresse, considerados desafios significativos à saúde pública global. Esses agravos impactam diretamente a trajetória acadêmica e o bem-estar pessoal, colocando estudantes em desvantagem em comparação àqueles com autoestima mais estruturada⁽¹⁵⁻¹⁷⁾.

Embora seja razoável supor que grupos em situação de desvantagem e discriminação social tenham autoestima reduzida em comparação a grupos sem tais experiências como apresentado por inúmeros estudos, pesquisas têm revelado resultados contraditórios, especialmente em relação à

população feminina negra. A força da identidade racial, compreendida como sentimento de pertencimento e apego à própria raça, pode atuar como fator protetivo, permitindo que reconheçam a discriminação como uma opressão externa, e não como falha pessoal, favorecendo uma percepção mais positiva de si mesmas em contextos adversos^(2,18). Nesse sentido, universidades e outras instituições de ensino superior têm papel essencial ao estimular e promover práticas que fortaleçam a autoestima e a identidade racial das alunas, favorecendo inclusão, pertencimento e equidade no ambiente acadêmico.

Limitações do Estudo

Este estudo apresentou limitações como a baixa representatividade, pois a população foi composta por estudantes de um município no interior do Mato Grosso, sendo todos matriculados em um centro universitário. Contudo, esse fato não interferiu na viabilidade do estudo, e outra fragilidade foi a falta de adesão dos estudantes, proporcionando um n baixo, contemplando menos de 50% da população dos acadêmicos.

Contribuições para a Área da Enfermagem, Saúde ou Política Pública

Com base nessa percepção, infere-se que este estudo se torna potencialmente necessário, uma vez que ao comparar os níveis de autoestima entre universitárias com base na cor da pele, revela *insights* significativos sobre as complexas interações entre identidade racial, padrões de beleza e saúde mental. Assim, esta pesquisa se apresenta como uma potencial ferramenta para orientar intervenções sociais e educacionais, visando a valorização da diversidade e a construção de um ambiente acadêmico mais inclusivo e saudável.

CONCLUSÃO

A identificação da correlação entre a insatisfação com a cor da pele e a internalização de padrões de beleza eurocêntricos, reforça a necessidade de um olhar crítico sobre como essas dinâmicas afetam a autoestima das jovens. Este estudo não apenas contribui para a compreensão das experiências de mulheres negras no ambiente acadêmico, mas também destaca a importância de promover uma identidade racial positiva como um mecanismo de resistência e empoderamento.

O desenvolvimento da autoestima e a elaboração de identidades positivas por parte de universitárias discriminadas são fundamentais para a construção de espaços de efetiva cidadania. A identidade é um fenômeno que se manifesta tanto no interior do indivíduo quanto em suas representações sociais e na cultura coletiva. Assim, pode-se afirmar que fomentar a autoestima e promover a valorização das identidades raciais são passos cruciais para o fortalecimento da cidadania e da inclusão social, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa. Este entendimento ressalta a importância de estratégias que incentivem a autoaceitação e a diversidade,

particularmente entre grupos historicamente marginalizados, como forma de resistência e empoderamento.

Conclui-se que a pressão estética exercida pela sociedade tem impactos significativos na autoestima e na percepção corporal, principalmente entre as mulheres. O desejo incessante de alcançar padrões de beleza irrealistas, leva a um ciclo prejudicial de insatisfação corporal, comparações sociais negativas e até transtornos alimentares e de identidade. Desta forma, torna-se crucial o desenvolvimento de ações e estratégias dentro do ambiente acadêmico para mitigar os agravos ocasionados pelo racismo perante as universitárias negras.

REFERÊNCIAS

1. Nascimento KS, Cezar LC, Santos LF dos. Padrões de beleza difundidos no Instagram e suas influências na autoestima e no comportamento de consumo de universitárias. ReMark. 2024 [citado 28 jun 2025];23(2):844–900. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/remark.v23i2.23753>
2. Silva MN da, Monteiro JCS. Self-esteem assessment of young female university students according to race/skin color criteria. Rev Latino-Am Enfermagem. 2020[citado 10 jun 2025];28(1):1-8. Doi: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.3866.3362>
3. Horta RF, Ferreira M. A influência da autoestima no desempenho escolar. Ens@ UFMS. 2021[citado 11 mai 2025];2(1):276–86. Disponível em: <https://doi.org/10.55028/revens.v2iEsp..14453>
4. Diz-Otero M, Domínguez-Lloria S, Pino-Juste M. Soft Skills y autoestima y su relación con las variables formativas en el alumnado de orquestas universitárias. Rev Investig Educ. 2024[citado 28 jun 2025];22(1):59–70. Disponível em: <https://doi.org/10.35869/reined.v22i1.5182>
5. Gonçalves JES, Santos NYB, Conceição AFS. Issues of racism and self-esteem in the face of black university women. SIGMA. 2024[citado 11 mai 2025];5(5):45–64.
6. Ribeiro FA, Pereira DAO, Santos LHG. The aesthetics of blackness: building self-esteem and identity in the fight against eurocentric standards. Caderno Prudentino de Geografia. 2025 [citado 21 set 2025];1(1):1–17.
7. Von Elm E, Altman DG, Egger M, Gøtzsche PC, Vandebroucke JP, for the STROBE Initiative. The Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE) statement: guidelines for reporting observational studies. J Clin Epidemiol. 2008 [citado 19 nov 2024];61(4):344–9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000300021>
8. Coelho APS, Oliveira DS, Bandeira LS, Fernandes ESF, Marques GCM, Guimarães CF. Fatores associados ao autocuidado entre universitários negros. Pesqui Soc Desenv. 2024 [citado 28 jun

2025];3:e4213345273. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/45273>

9. Almeida MDB, Souza JG, Gomes MAS. Racial inequalities and the law of quotas at the university: a brief review of recent educational research. Revista Foco. 2024 [citado 21 set 2025];17(1):1-13. Disponível em: 10.54751/revistafoco.v17n1-084
10. Ambrosio L, et al. Cabelos crespos, tranças e black power: reflexões sobre o adoecimento de mulheres negras, autoestima e empoderamento. Rev ABPN. 2022 [citado 03 jun 2025];14(39):453-77. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1274>
11. Conceição AF, Gonçalves JE, Santos NYB. Racismo e autoestima da mulher negra universitária. Rev Formadores. 2023 [citado 28 jun 2025];16(3):101-122. Disponível em: <https://doi.org/10.25194/rf.v16i3.1736>
12. Mariano JV, Amorim MVC. The impact of racism on the self-esteem of black women in the brazilian contexto. Revista Anômalas. 2024 [citado 21 set 2025];4(2):52-76.
13. Martinez P, Moreno A, Jimenez M, Macías M, Pagliari C, Abellan M. Social media, thin-ideal, body dissatisfaction and disordered eating attitudes: An exploratory analysis. Int J Environ Res Public Health. 2019 [citado em 16 jun 2025];16(21):4177. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph16214177>
14. Queiroz RCS. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. Cad Gên Tecnol. 2019 [citado 03 jun 2025];12(40):213-29. Disponível em: [10.3895/cgt.v12n40.9475](https://doi.org/10.3895/cgt.v12n40.9475)
15. Varchetta M, Fraschetti A, Mari E, Giannini A. Adicción a redes sociales, Miedo a perderse experiencias (FOMO) y Vulnerabilidad en línea en estudiantes universitarios. Rev Digit Investig Doc Univ. 2020 [citado 15 jul 2025];14(1):1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.19083/ridu.2020.1187>
16. Khalaf A, Hashmi I, Omari O. The relationship between body appreciation and self-esteem and associated factors among Omani university students: An online cross-sectional survey. J Obes. 2021 [citado 04 jul 2025]; 2021(1):1-8. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2021/5523184>
17. Preto V, Fernandes J, Silva L, et al. Transtornos mentais comuns, estresse e autoestima em universitários da área da saúde do último ano. Res Soc Dev. 2020 [citado 03 mai 2025];9(8):1-21. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6362>
18. Rosa EG, Alves MC. Estilhaçando a máscara do silenciamento: movimentos de (re)existência de estudantes negros/negras. Psicol Cienc Prof. 2020 [citado 12 jun 2025];40(nspe):1-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003229978>

Agradecimentos: Não há

Financiamento: Não há.

Contribuição dos autores: Concepção e desenho da pesquisa: Marcos Vítor Naves Carrijo. Obtenção de dados: Marcos Vítor Naves Carrijo. Análise e interpretação dos dados: Letícia Pinho Gomes, Marcos Vítor Naves Carrijo. Redação do manuscrito: Letícia Pinho Gomes, Adriana Dias Silva, Marcos Vítor Naves. Revisão crítica do manuscrito quanto ao conteúdo intelectual: Letícia Pinho Gomes, Adriana Dias Silva, Marcos Vítor Naves.

Editor-chefe: André Luiz Silva Alvim 